

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
INSTITUTO VILLA-LOBOS  
LICENCIATURA EM MÚSICA

**AULAS DE BATERIA COM REPRESENTATIVIDADE E EMPODERAMENTO  
FEMININO NOS WORKSHOPS DA HI HAT GIRLS MAGAZINE**

GEORGIA CAMARA DA SILVA

RIO DE JANEIRO

2017

AULAS DE BATERIA COM REPRESENTATIVIDADE E EMPODERAMENTO  
FEMININO NOS WORKSHOPS DA HI HAT GIRLS MAGAZINE

Por

Georgia Camara da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto Villa-Lobos do  
Centro de Letras e Artes da UNIRIO,  
como requisito para obtenção do grau de  
Licenciado em Música sob a orientação da  
Professora Doutora Luciana Pires de Sá  
Requião.

Rio de Janeiro, 2017

À minha família, em especial ao Juliano.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais porque sem vocês eu nem sei;

Ao Mario e Juliano pela força e horas de Urca enquanto eu assistia às aulas;

À toda minha família pelo apoio, sempre;

À minha orientadora Luciana Requião, pelo presente trabalho e pela música;

À todas as meninas do Hi Hat Girls Magazine, em especial à Julie Sousa pela pronta cooperação sempre que solicitada;

Aos meus professores de toda a vida e de todas as áreas, obrigada.

Ao deus energia criadora presente em todos nós e em todas coisas, obrigada Deus.

Para quem quer se soltar  
    Invento o cais  
Invento mais que a solidão me dá  
    Invento Lua nova a clarear  
        Invento o amor  
    E sei a dor de me lançar  
        Eu queria ser feliz  
            Invento o mar  
    Invento em mim o sonhador  
        Para quem quer me seguir  
            Eu quero mais  
Tenho o caminho do que sempre quis  
    E um saveiro pronto pra partir  
        Invento o cais  
            E sei a vez de me lançar  
(CAIS / Milton Nascimento e Ronaldo bastos)

SILVA, Georgia Camara. *Aulas de bateria com representatividade e empoderamento feminino nos workshops da Hi Hat Girls Magazine*. Rio de Janeiro: Instituto Villa-Lobos/UNIRIO, 2017. TCC (Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade do Rio de Janeiro.

## RESUMO

Este trabalho buscou verificar como o projeto *Hi Hat Girls Magazine*, através de seus *workshops* de bateria, pode aproximar as mulheres do instrumento, revertendo um quadro de afastamento gerado pela construção de papéis baseados numa ditadura de gênero, que veio a determinar quais funções e comportamentos seriam indicados a homens e mulheres, seguindo uma orientação patriarcal que privilegiou a participação masculina, e que por muito tempo negou às mulheres o acesso aos mais diversos campos da sociedade. Através de entrevistas com professoras e alunas buscou-se verificar também a importância dos *workshops* para o público alvo do programa, o que é oferecido de material pedagógico às alunas, e a importância de as professoras serem bateristas mulheres. Foi feita também uma revisão bibliográfica que levantou referencial teórico que deu suporte ao trabalho. Concluiu-se que os *workshops* proporcionam um ambiente de aprendizagem musical onde se demonstra que não há inadequação entre mulheres e a bateria, se adquire conhecimentos musicais e técnicos, e onde as mulheres se sentem incentivadas em relação à prática do instrumento, a partir do exemplo das professoras bateristas do projeto.

Palavras-chave: bateria; música; relações de gênero; mulheres instrumentistas; ensino.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 MULHERES, MUSICA E BATERIA NO BRASIL.....	12
CAPÍTULO 2 A HI HAT GIRLS MAGAZINE E OS WORKSHOPS DE BATERIA ...	15
CAPÍTULO 3 ENTREVISTAS.....	20
CAPÍTULO 4 SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS .....	31

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Edição de estreia / setembro 2012 .....	16
Figura 2: <i>Hi Hat Girls Magazine</i> #2 / fevereiro 2013 – Nicki Wicked .....	17
Figura 3: <i>Hi Hat Girls Magazine</i> #3/ setembro de 2013 – Ed. de aniversário, Emanuelle Caplette .....	17
Figura 4: <i>Hi Hat Girls Magazine</i> #4/ setembro 2015 – Vera Figueiredo .....	18
Figura 5: <i>Hi Hat Girls Magazine</i> #5/ março 2016 – Nina Pará .....	18

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema para realização do trabalho de conclusão de curso foi norteadada pela ideia de abordar alguma situação de ensino e aprendizagem musical ligada à minha área de atuação. Sou instrumentista, dedicada à bateria e à percussão, que representam muito da minha motivação como estudante e profissional da música. Fui em busca de algum aspecto do aprendizado desses instrumentos como assunto a ser desenvolvido nessa pesquisa.

Como consumidora de música, desde que me lembro lá na infância, fui uma observadora dos músicos executantes e presentes nas fichas técnicas dos discos da época. Isto se deve muito ao meu pai que sempre comentava quem estava tocando determinado instrumento em um arranjo, ou nos apontava um músico na rua, como se passou certa vez na Praia da Macumba, no Recreio dos Bandeirantes, “olha lá, tão vendo aquele moço ali (perguntando para mim e para meu irmão), ele é o Robertinho Silva, baterista do Milton Nascimento! ...”, e assim em vários momentos em que cruzamos com algum músico, nas situações mais diversas.

Sem profissionais da música na família, encontrar e falar dessas pessoas, e às vezes com elas, era um momento mágico. Eram aqueles músicos incríveis que faziam os instrumentos falarem e traziam música para o mundo. E, eram sempre homens. Esses fatos se situam nos anos 1980 e 1990, onde vivi minha infância e adolescência e onde construí boa parte do meu universo musical, seja através das canções ou seus intérpretes, na voz ou nos instrumentos.

Na época, o fato de não aparecerem mulheres tocando não era uma coisa que me chamasse a atenção. Na verdade, eu não percebia questões de gênero que hoje trago como elementos pertinentes à realização deste trabalho. Eram músicos, eram os músicos que eu conhecia, ouvia e via atuando.

Hoje, como mulher instrumentista, inserida no mercado de trabalho no Rio de Janeiro, e atenta à produção artístico-musical nesta cidade e no mercado de música como um todo, trago a percepção de que na nossa sociedade, nas diversas áreas de conhecimento, a presença da mulher foi alijada em detrimento de se construir uma

sociedade em que o homem assumiu os grandes cargos, as funções importantes, os papéis relevantes, e a música traz essa identidade refletida na presença infinitamente menor de mulheres instrumentistas, nas escolas e atuando profissionalmente.

Como somos nós mesmos os mantenedores dos padrões e também os agentes de possíveis mudanças, acredito que é possível agir e diminuir a discrepância construída pelo nosso modelo de sociedade e criar oportunidade para novas condições de existência, onde cada indivíduo possa ser pleno em exercer sua individualidade e sabedoria.

A educação é a meu ver um modo propício para gerar uma sociedade mais igualitária, por poder permitir acesso mais democrático às informações, gerando interesse e promovendo experiências enriquecedoras de aprendizado aos cidadãos. Numa sociedade que ainda hoje reflete séculos de opressão baseado em diferenças, termos movimentos que possam modificar esse paradigma são essenciais nessa reconstrução.

Vem daí minha escolha em falar sobre esse projeto direcionado a mulheres bateristas e a outras tantas interessadas pelo instrumento, os *Workshops* de Bateria da *Hi Hat Girls Magazine*.

Assim, como objetivo geral, busco compreender a partir dessa experiência como a questão de gênero pode ser trabalhada nas aulas de música verificando a que ponto esse projeto poderia minimizar um quadro social de afastamento e promover a aproximação e a evolução de mulheres nesse instrumento.

Como objetivos específicos busco verificar como se dão as aulas de bateria nos workshops da *Hi Hat Girls Magazine*, que parâmetros são apresentados e discutidos junto ao público alvo, entender qual o sentido do *workshop* para as mulheres participantes, entender se faz diferença o fato de ser uma turma só de mulheres e verificar qual importância de *workshops* dedicados especificamente ao público feminino.

O presente trabalho foi realizado através de pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas que partiam de algumas perguntas que introduziam o tema e partir delas livre discussão sobre as impressões das entrevistadas em torno dos assuntos envolvidos: bateria, mulheres e representatividade feminina no instrumento.

A todas foram feitas as duas perguntas iniciais. Uma das perguntas era qual importância de *workshops* dedicado a mulheres bateristas. A outra pergunta buscava investigar se o fato de serem mulheres ensinando fazia diferença. Uma terceira pergunta

dirigida às instrutoras era sobre o que era apresentado de material às alunas, o que era ensinado no *workshop*. Foram entrevistadas a fundadora, coordenadora e instrutora do projeto, Julie Sousa; as professoras dos *workshops* Cynthia Tsai, Ale de La Vega, Emília B. Rodrigues, Céu Gutt, e as alunas do *workshop*. As entrevistas foram feitas e gravadas durante um dos *workshops* da *Hi Hat Girls magazine*, realizado no dia 10 de dezembro de 2017, no Parque das Ruínas, em Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Todas as entrevistadas permitiram que os conteúdos das entrevistas pudessem ser usados no trabalho.

Foi feita também uma revisão bibliográfica em torno dos temas bateria, mulheres instrumentistas, processos pedagógicos através da bateria, questões de gênero, o papel da educação em diálogo com as necessidades atuais da sociedade e feminismo.

## CAPÍTULO 1 MULHERES, MUSICA E BATERIA NO BRASIL

Os contextos sociais e históricos do mundo ocidental, a existência de uma sociedade patriarcal, construída sobre anos de repressão das vozes e das questões femininas, acabaram por afastar as mulheres das mais diversas funções na sociedade, e a garantir que seu papel é de cuidadora do lar. Como observa Fernando Barradas em seu artigo sobre as relações de gênero na música popular brasileira, a mulher era a reserva moral da família e responsável pela sua estabilidade institucional e como elemento do sistema, qualquer mudança provocada por ela nos padrões de comportamento inspirava cuidados. Nesse ambiente, da segunda metade do século XIX e início do XX, é que a música popular brasileira surgiu (BARRADAS, 2008, p. 229).

Nessa época era reservado às mulheres as opções de canto e de executante ao piano, sendo que esta última ainda era moldada ao perfil da figura do lar e o instrumento em suas mãos tinha função de entreter em reuniões familiares, e até mesmo mostrado como um dote a mais a valorizar o passe da moça aos seus pretendentes. “As mulheres tocavam [...] sempre com uma postura reservada e no início, em ambientes domésticos privados.” (GREEN, 2017, p. 50).

Em seu artigo *Identidade de gênero, experiência musical e escolaridade*, Lucy Green faz um resumo em que aborda as ideias principais de seu livro *Musica, Gênero e Educação*. Ao discorrer sobre a afirmação da feminilidade na mulher cantora e de sua negação na mulher instrumentista, ela nos traz um importante dado sobre uma construção social de gênero que acabou por determinar papéis aceitáveis e outros desaprovados e até mesmo proibidos para mulheres instrumentistas (GREEN, 2017, p. 49).

[...] quanto mais volumoso e forte for o instrumento, quanto mais exigir tecnicamente do interprete e quanto mais público for o cenário da apresentação, mais problemático se torna construir uma apresentação feminina ‘segura’. (GREEN, 2017, p.50).

Como reflexo desse cerceamento podemos sentir ainda hoje a majoritária presença de homens nos circuitos musicais, refletindo na quantidade de instrumentistas,

compositoras, regentes mulheres em ação.

No Brasil, o acesso das mulheres ao piano está ligado ao contexto doméstico, ligado à educação feminina. No final do século XIX, com o surgimento das primeiras instituições de ensino, surgiram cursos que aceitavam mulheres, e eram de canto e piano, sendo que em alguns casos as mulheres tinham que fazer aulas em prédios alugados ou construídos improvisadamente, somente para as alunas. (TOFFANO, 2007, apud DELLA GIUSTINA, 2017, p.44). Isto demonstra como a reprodução histórica das práticas musicais segue padrões sociais baseados em determinações por gênero e que vai diferenciar as oportunidades dadas a homens e mulheres.

Nessa época chegavam as primeiras baterias ao Brasil, primeiramente ao Rio de Janeiro, e em 1920 várias cidades do Brasil já tinham bateristas atuando no teatro de revista, cassinos, hotéis e nas orquestras de cinema mudo. Começamos então a formar os primeiros músicos bateristas. Os pioneiros foram Joaquim Silveira Tomás, que começou a usar bateria a partir de 1923; Luciano Perrone, a partir de 1924; o baterista Sut, que iniciou sua carreira na década de 1920; e Valfrido Pereira da Silva, em 1932 (GALVÃO, 2015).

Já a primeira mulher profissional da bateria no Brasil só veio a aparecer no início da década de 1970, praticamente 50 anos depois que o primeiro homem se profissionalizou no instrumento. A pioneira foi Lilian Carmona que aos 11 anos, em 1965, conheceu o instrumento e teve total apoio de sua família para se dedicar a estudá-lo, profissionalizando-se aos 16 anos, quando integrou o trio do pianista e compositor Amilton Godoy.

Caio Della Giustina, em seu trabalho de final de curso, busca avaliar como estão distribuídos entre os homens e mulheres instrumentos na Escola de Música de Brasília (EMB), e para isso aplica a definição de gênero de Judith Butler, que fala que gênero é uma fabricação do social, construída através da repetição de comportamentos, e que faz com que esses comportamentos passem a identificar um ou outro gênero (DELLA GIUSTINA, 2017).

Essa criação social que por muito tempo afastou as mulheres de muitas atividades, inclusive da música, acabou por criar uma condição de favorecimento e privilégio dos homens determinando assim que conquistas podem ser alcançadas por cada sexo. Ser

instrumentista não era um papel designado à mulher, e tocar bateria, muito menos.

Em 20 anos dedicados a estudar, praticar e realizar minha música através desse instrumento, pude por muitas vezes observar o quanto estão profundamente arraigadas questões que de cara limitam acesso e conseqüente aproximação e aprofundamento na relação das mulheres com a bateria. Muitas se aproximaram de mim no intervalo, ou no final de alguma apresentação, para manifestarem seu encantamento e sua ligação com o instrumento, dizendo que gostariam de ter estudado bateria em determinado momento de suas vidas, mas não o fizeram porque foram desmotivadas, ou pelo pai ou outro membro da família, ou por um namorado, ou porque disseram a elas que era muito barulhento, ou simplesmente porque era coisa para homem.

A ideia de que a bateria é um instrumento que exige muita força física é um outro argumento muito usado. É o que garantiria aos homens superioridade biologicamente justificada sobre as mulheres para *performar* o instrumento. Afinal os homens em geral possuem mais massa muscular e são mais fortes. Mas força não é um atributo de caráter absoluto quando se fala em som de um instrumento porque o uso da força não é sinônimo de qualidade sonora. Um golpe forte num tambor poderia resultar em um som com volume alto, mas não responder pela qualidade do som, pela qualidade do timbre do som do tambor. E esse resultado pode ser atingido através de estudo técnico, e é garantido a mulheres e homens, igualmente. Mas, é preciso que as mulheres saibam disso e de tantas outras coisas que envolvem tocar bateria, e que nenhuma dessas coisas são limitadas pelo fato de sermos mulheres ou homens. A meu ver, a melhor forma de mostrar isso é através do exemplo de outras mulheres que tocam bateria, que superaram dificuldades, conquistaram ou estão em processo de conquista nesse instrumento.

Trago então a experiência dos *workshops* da *Hi Hat Girls Magazine* que proporcionam informação e formação a mulheres que tem interesse em conhecer e estudar a bateria.

## CAPÍTULO 2 A *HI HAT GIRLS MAGAZINE* OS WORKSHOPS DE BATERIA

O projeto surgiu de uma demanda da própria criadora da revista, Julie Sousa. Julie conta em sua entrevista que quando começou a tocar não havia um evento, ou lugar em que ela pudesse ir para ver mulheres tocando. Como consumidora das revistas de bateria, sentia falta de ver essas instrumentistas nas revistas, de saber através dos editoriais o que elas estavam fazendo, seus projetos, *workshops*, de eventos em que estivessem participando, e de saber onde poderia ir para vê-las tocando. Resolveu fazer uma postagem na rede social *Facebook* em que convocava mulheres bateristas a se juntarem a ela no projeto de criar uma revista digital que atendesse a essa necessidade de informação sobre o universo feminino da bateria, as instrumentistas e seus trabalhos.

A não existência desse material mobilizou o encontro dessas mulheres que criaram então a primeira revista online de bateria da América Latina, onde mulheres bateristas falam do instrumento e de suas experiências. A revista *Hi Hat Girls Magazine* nasceu em 2012. É uma revista online, gratuita, independente, disponível para *download*, que tem como objetivo principal incentivar meninas e mulheres a tocarem bateria.

Inicialmente a revista foi feita por Julie Sousa (RJ), Fernanda Terra (SP), Simone Del Ponte (RS), Michele Zingel (SC) e Isabel Gabiatti (PR). Desde grupo, somente Julie seguiu no projeto, e hoje conta com a companhia de outras bateristas na montagem da revista, além da colaboração de convidadas. O novo grupo responsável pela *Hi Hat Girls Magazine* é composto por Julie Sousa, Lary Duarte (SP), Bya de Paula (RS), Lorena Martins (BA), Lucy Peart (PR), Hellen Kelmer (ES), Nathalia Reinehr (DF) e Emilia B. Rodrigues (RJ).

A revista possui até agora cinco edições. Cada edição traz uma entrevistada principal, que é também a figura central da capa, entrevistas com outras bateristas e eventualmente percussionistas, uma sessão de exercícios, uma sessão intitulada Coletânea *Hi Hat Girls* que traz bandas em que a baterista seja mulher, e em algumas edições a cobertura de eventos em que haja mulheres bateristas.

Seguem as capas em ordem de publicação:

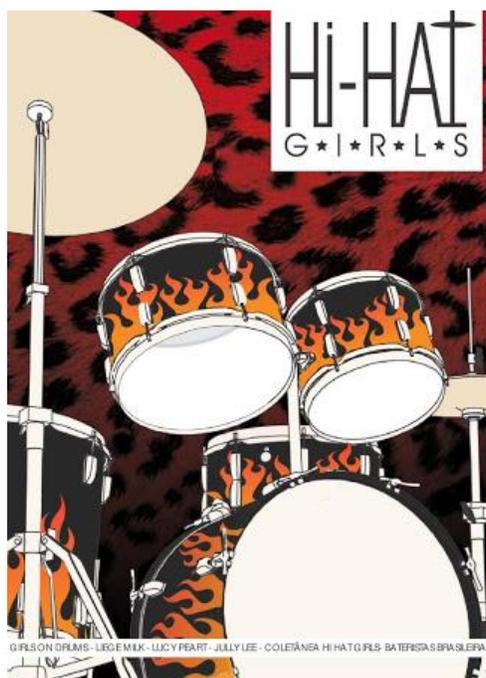


Figura 1: Edição de estreia / setembro 2012

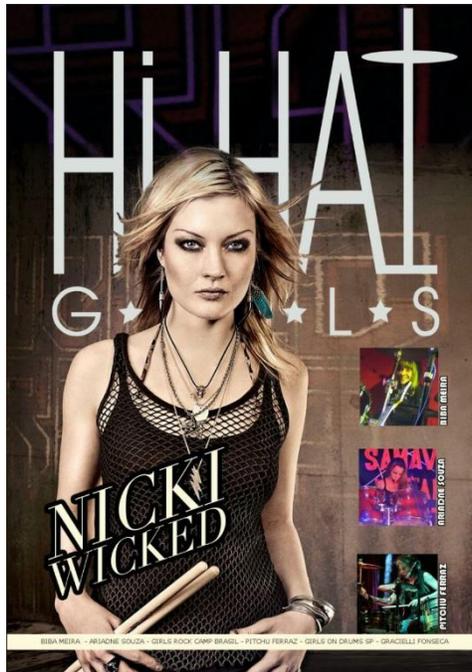


Figura 2: *Hi Hat Girls Magazine* #2 / fevereiro 2013 – Nicki Wicked

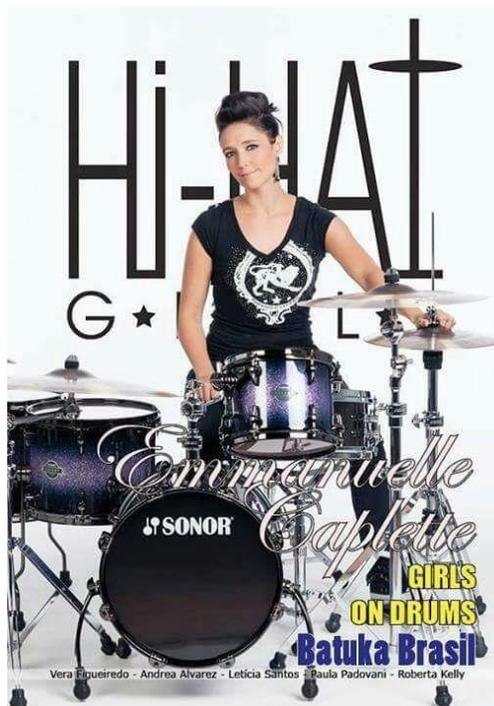


Figura 3: *Hi Hat Girls Magazine* #3/ setembro de 2013 – Ed. de aniversário, Emanuelle Caplette



Figura 4: *Hi Hat Girls Magazine* #4/ setembro 2015 – Vera Figueiredo

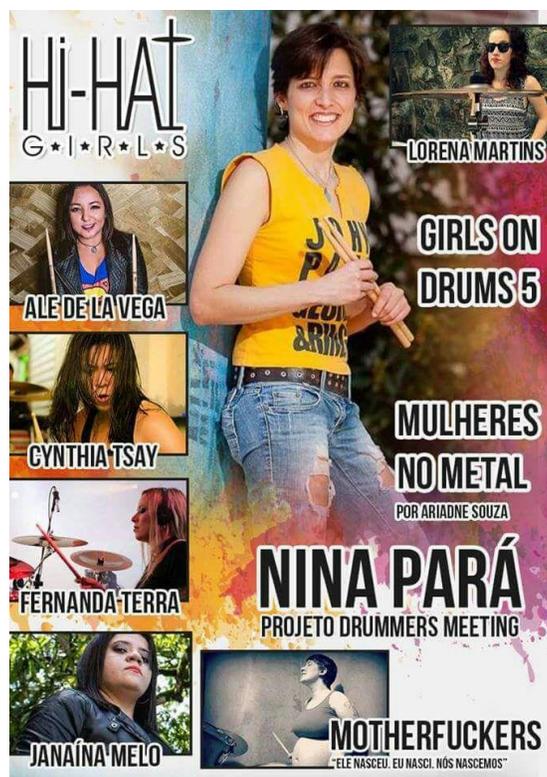


Figura 5: *Hi Hat Girls Magazine* #5/ março 2016 – Nina Pará

O primeiro *workshop* aconteceu em novembro de 2016. Com o propósito de estimular o interesse em mulheres e crianças pela bateria, e ao mesmo tempo em que desmistificar o instrumento como masculino<sup>1</sup>, os *workshops* buscam promover a troca de experiências entre aspirantes a musicistas, ouvintes que apenas querem conhecer melhor o instrumento, e instrumentistas profissionais. Assim, trazem oportunidade para muitas dessas pessoas de pela primeira vez poderem tocar bateria. A ideia é que ao final do evento cada uma se sente ao instrumento e toque alguma coisa.

Um dos focos das oficinas, como há muita procura de pessoas totalmente leigas no instrumento, está também em criar um ambiente acolhedor e divertido para apresentar a bateria.

Os *workshops* acontecem uma vez por mês e em cada edição uma ou várias musicistas apresentam ao público alguma informação que vai desde o estudo técnico no instrumento a curiosidades sobre a bateria, sua criação, seus instrumentos constituintes, dentre outras coisas. Retornarei ao assunto no próximo capítulo com o programa dos *workshops* que apresenta um roteiro sobre o que é trabalhado no evento.

O último evento desse ano se realizou no domingo dia 10 de dezembro e pude estar presente como parte da observação e para fazer as entrevistas necessárias ao meu trabalho. O evento que comemorava um ano de atividades do *workshop* apresentou diversas bateristas em propostas diferentes ao público. Um curso falou sobre ergonomia e cuidados que o instrumentista deve ter com o corpo antes e depois da prática; outro apresentou a noção de pulso e sobre como entender esse parâmetro poderia ajudar a construir as levadas na bateria. A plateia contava com musicistas profissionais e amadoras, inclusive instrumentistas de outras áreas que se atraíram pela possibilidade de aprendizado sobre a bateria.

São oferecidas 15 vagas a cada encontro e há uma média de 200 inscritos por edição. Há hoje uma fila de espera que ultrapassa 900 pessoas. Os critérios de seleção vão desde oferecer um primeiro contato com o instrumento, seguido pela ordem de inscrição na edição e depois por quem já havia feito inscrições em workshops anteriores e não foi contemplado.

---

<sup>1</sup> Trecho retirado do texto de apresentação do projeto Oficina de Bateria para Garotas, do *Hi Hat Girls Magazine*.

### CAPÍTULO 3 AS ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas com todas as instrutoras presentes e algumas das alunas do *workshop*. Não houve um critério de seleção para entrevistar as alunas senão o fato de que à medida que o curso acabou as algumas alunas foram embora.

Iniciávamos a partir das questões que foram citadas anteriormente seguindo então para uma livre conversação a respeito dos temas que se desenrolaram posteriormente. As entrevistas foram essenciais para produzir as repostas às questões de pesquisa e para que pudesse chegar aos objetivos do trabalho.

Iniciando os depoimentos com Cynthia Tsai, que é baterista e se dedica há aproximadamente 20 anos ao instrumento, acabei conhecendo uma outra prática do *Hi Hat Girls Magazine* além dos *workshops*, que trazem para sociedade uma oportunidade de renovar seu olhar sobre as questões de gênero através das aulas de bateria. São as aulas para crianças, meninos e meninas que desenvolvem uma aproximação do instrumento em caráter de igualdade, e que tendo professoras mulheres já rompem com o estigma de que a bateria possa ser mais indicada para um grupo que para outro. E nesse contexto os alunos acabam por entrar em contato com o profissionalismo de mulheres na bateria, percebem que o instrumento é livre, fazer música é uma coisa natural, qualquer pessoa pode tocar bateria.

Cynthia destaca que as meninas do *Hi Hat* são um exemplo fortalecedor da vontade de meninas que querem se aproximar do instrumento e recebem informações sociais de reprovação ou impedimento, as mesmas que ela, por exemplo, teve que enfrentar quando começou a tocar. Que o instrumento é para homens, é um instrumento bruto, é caro, é barulhento são alguns dos empecilhos colocados para aquelas que gostariam de praticar. Tsai acredita que o espelhamento é uma função importantíssima dos *workshops* pois as instrutoras viram referência de conquista e incentivo à essas alunas.

Sendo atuante numa área de metal extremo<sup>2</sup>, e por ser um ambiente totalmente masculino, acontece muitas vezes um olhar de desconfiança que precisa ser rompido com a música.

Este comportamento revela uma outra cobrança muito recorrente no meio musical que cito rapidamente. Ninguém desconfia se um homem sabe tocar ou não quando ele se aproxima do instrumento, ninguém cobra que ele possua um nível alto de execução ao instrumento. Ele chega e toca. Já em relação à mulher há um constante olhar que avalia seu desempenho e praticamente exige que para tocar ela seja uma eximia instrumentista.

Cynthia comenta sobre uma oportunidade em que uma aluna de um workshop se aproximou ao final para falar que tinha bateria em casa, mas que seu namorado não a ajudava e dizia que não era instrumento para ela, que por conta disso não se sentia estimulada. Ao que a professora retrucou sobre o porquê da necessidade de ter alguém que lhe dissesse o que deveria ou não fazer. Que ela devia procurar um instrutor e mais que isso, não se sentir inadequada para o instrumento, e sim montar sua bateria e tocar, sem a ajuda do namorado.

Ale de La Veja, baterista da banda *Indiscipline*, fisioterapeuta e também profissional de educação física acha que o projeto *Hi Hat Girls* é importantíssimo em possibilitar o acesso à bateria, que não é de fácil acesso nem para homens. Esse comentário por si só corrobora a situação da mulher em relação ao instrumento. Um programa voltado para mulher, segundo ela, é um programa que facilita o acesso das famílias ao instrumento e diminuiu o preconceito em relação a estudá-lo. Alessandra começou seu estudo através de uma via não formal de aprendizado, na sua igreja. Conta que não sofreu preconceito, mas sabe das dificuldades que são enfrentadas no meio artístico. O fato da ação ser voltada só pra mulheres acaba reduzindo o público beneficiado, mas isso se justifica pelo fato de que o número de mulheres é muito reduzido em relação ao de homens que tocam bateria, então vale o investimento em promover o ensino para esse grupo específico.

Julie Sousa é baterista, idealizadora da revista e dos *workshops*. Ela sentia falta na sua formação em ver outras mulheres tocando. Não tinha visto uma mulher tocando e só

---

<sup>2</sup> Metal Extremo é um termo abrangente usado para definir subgêneros do *heavy metal* que são caracterizados por sua agressividade, tais como *black metal*, *death metal*, *doom metal*, *speed metal* e *trash metal*. (Wikipédia)

conhecia a baterista Vera Figueiredo<sup>3</sup>. Como consumidora das revistas de bateira Julie teve a ideia de criar um editorial voltado para mulheres e que contemplasse o universo do instrumento sob o olhar de mulheres instrumentistas, onde se pudesse divulgar os eventos, trazer os depoimentos, passar a agenda de shows e *workshops* dessas bateristas. Em 2012 saiu a primeira edição e a partir de 2016 se iniciaram os *workshops*. O fato de não haverem referências femininas no instrumento foi o que a incomodou e a motivou a produzir a revista.

Após os *workshops* há um questionário que as participantes são solicitadas a responder, sem obrigatoriedade, e entre as perguntas está a importância do serem aulas ministradas por mulheres. Segundo Julie, o *feedback* é de que 90% das participantes não faria ou não teria se interessado em participar se fosse uma aula ministrada por homem. E muitas seguem os estudos no instrumento, muitas vezes com as próprias professoras dos *workshops* e em outras com outros instrutores mais perto de suas casas, que elas buscam a partir dessa experiência. O *workshop* aproxima o público da bateria e as meninas veem que é totalmente possível estudar e se dedicar ao instrumento.

Muitas meninas vão ao *workshop* muito por curiosidade, mas ao mesmo tempo, Julie acredita que a longo prazo a tendência é que os *workshops* reflitam na quantidade de mulheres bateristas.

Paula Pulga é publicitária e foi assistir ao *workshop*. Ela já tinha estado na edição que aconteceu no Centro de Referência Arthur da Távola e se encontrou na bateria graças a essa oficina. Sua presença na última edição se faz em função de buscar agregar mais conhecimento. O fato de serem mulheres fez toda diferença e frisa que esses tipos de iniciativa voltadas para mulheres no cenário musical são menores e que cada vez mais as mulheres tem que se unir para se fortalecer dentro da música.

Céulen Guterres, Céu Gutt como é conhecida, é baterista da banda Levianos Desmemoriados e fonoaudióloga, realiza uma palestra no projeto *Hi Hat Girls* sobre saúde auditiva. Céu assistiu a um *workshop*, ganhou uma bolsa para fazer aula com umas professoras e foi convidada para fazer parte do projeto na área de prevenção e cuidados

---

<sup>3</sup> Vera Figueiredo é baterista de São Paulo, iniciou seus estudos de música na infância, estudou piano e na adolescência passou a bateria. Fundadora do Instituto de Bateria Vera Figueiredo, Vera é responsável pela criação do evento Batuka! Brasil, um conceituado festival de bateria e percussão. Musicista atuante, é considerada uma das referências do instrumento no Brasil.

com a audição. Seguiu estudando e hoje atua profissionalmente. Suas impressões sobre o projeto ser apresentado por mulher é de que é essencial em função da necessidade de incentivo e motivação para que as mulheres estudem o instrumento, além de ajudar a diminuir o preconceito em relação a mulheres e bateria. Outra importância que Céu vê nos *workshops* diz respeito ao papel social pois é um projeto de valorização e de conscientização da mulher. Nessa última edição foi distribuído um panfleto sobre violência contra mulher, então os *workshops* acabam envolvendo um propósito maior do que tocar a bateria, é uma conscientização da mulher de uma forma mais ampla e abrangente.

Emília B. Rodrigues é baterista, foi professora na primeira edição do *workshop* e de outras oficinas do projeto. É uma colaboradora do projeto, entrando em parceria às vezes emprestando bateria, ou ajudando em alguma função nos *workshops*. Tem uma página no *facebook* que se chama Groovai onde publica vídeo aulas, uma página educativa. Virou professora de bateria porque uma menina a procurou pedindo para fazer aulas e dizendo que não estudaria com um homem. Hoje ela diz perceber melhor a importância da existência de um projeto que ensina mulheres mais ao olhar para traz do que no momento em que as coisas aconteciam, pois agora percebe a real necessidade dessas ações que viabilizam a bateria para as mulheres. A resposta das alunas é muito favorável em que sejam só mulheres por questão de representatividade e incentivo, e também pela confiança de estarem num ambiente fechado com uma pessoa que elas podem não conhecer bem, e por isso preferem que essa pessoa seja uma mulher. Essa é uma questão pratica, do dia a dia, que Emília diz fazer diferença na hora em que mulheres optam por mulheres instrutoras.

Quando começou a tocar só haviam a Lilian Carmona e a Vera Figueiredo. A questão de dar visibilidade às mulheres instrumentistas através da revista e dos *workshops* seria essencial para melhorar a representatividade das mulheres no instrumento.

Com a criação de sua página Emília teve uma resposta muito boa de mulheres de outros estados que admiram o fato dela postar seus vídeos e se inspiram nisso como uma meta para seu desenvolvimento. Para Emília não parece bom muito que o processo seja esse. É uma relação dúbia pois ao mesmo tempo em que acha necessário que exista o

exemplo de outras mulheres tocando, considera terrível que uma outra mulher só se sinta parte de alguma coisa, ou em condições de realiza-la depois que outras já fizeram.

A revista e os *workshops* possibilitaram que Emília pudesse dar aulas para várias mulheres que apareceram através do projeto e se emociona ao ver que algumas de suas alunas se profissionalizaram. Sem querer tirar o mérito de suas aulas, ela acredita que o incentivo às mulheres que procuram o projeto em seguirem seu movimento de estudar a bateria é o mais importante, e que existe uma relação mais profunda e independente da música, que é o fato de serem mulheres.

Maria Fernanda é guitarrista e pela primeira vez esteve no *workshop* e foi conhecer como as meninas realizavam o trabalho. Ela acredita o ambiente feminino favorece que as alunas fiquem mais confortáveis, mais soltas, e que as mulheres quando se juntam se sentem em casa, são como amigas, irmãs, em um ambiente de aprendizado descontraído.

Nathalia Reinher é baterista de Brasília, estava no Rio na ocasião do *workshop* por estar em cartaz como integrante da banda de L, O Musical. Possui uma escola de música, é professora de bateria e teoria musical. Para Nathalia os workshops são fundamentais para as mulheres tocarem bateria. Ela inclusive foi desestimulada no começo quando diziam que bateria não era instrumento para mulher, que era melhor tocar piano ou cantar. Acredita que as coisas hoje estão mais fáceis, mas que ainda se enfrenta muito preconceito. Mostrar as bateristas tocando, dar visibilidade a essas mulheres e dar apoio às que querem começar segundo ela, é importantíssimo. Considera empoderamento uma palavra importante no momento e acha que a *Hi Hat* vai por esse caminho. Nathalia considera que faz toda a diferença serem mulheres professoras, pois as alunas se sentem mais à vontade para tocar e veem exemplos de que é possível mulheres tocarem bateria, e que é possível para elas também.

## CAPITULO 4 SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA

A partir de uma das minhas questões de pesquisa que busca compreender como se dá o aprendizado de bateria nos *workshops* da *Hi Hat Girls* busquei entender também outros aspectos dessa atividade pedagógica. É uma prática de ensino não formal que atende a um público muito heterogêneo, não necessariamente de pessoas que querem estudar o instrumento, mas também de curiosos sobre a prática de bateria e sobre o próprio instrumento, muito em função de não ser um instrumento incentivado para mulheres.

Em função disso há uma preocupação das instrutoras de que os *workshops* não sejam sempre lugar de informações extremamente técnicas e que haja espaço para se conhecer a criação do instrumento, falar de sua montagem, de seus elementos constituintes, das instrumentistas que possam servir de referência para quem quiser aprofundar sua pesquisa. Assim, abrem espaço para experimentação dos alunos junto ao instrumento, caracterizando muitas vezes o primeiro contato físico e musical dessas alunas com a bateria.

Por outro lado, trabalham também conteúdos técnicos e musicais que são normalmente abordados em aulas regulares de bateria como a forma correta de segurar as baquetas, maneira de se sentar ao instrumento, trabalham sobre a ideia de pulso e criação musical a partir da identificação do mesmo, sobre sonoridade, sobre gêneros musicais.

Abaixo segue o programa formulado pela equipe da *Hi Hat Girls Magazine* para orientar os workshops:

- Breve apresentação do projeto para as participantes;
- Breve apresentação individual das participantes;
- Apresentação dos nomes das peças da bateria;
- Noções de ritmo, tempo e outros conhecimentos básicos gerais;
- Exercícios (apresentação e aplicação de rudimentos simples);
- Prática de bateria ao final da oficina.

Ale de La Veja em sua participação fez uma abordagem sobre exercícios de aquecimentos e alongamento para serem utilizados antes e depois da prática, respectivamente.

Cynthia Tsai foi quem trabalhou sobre a noção de pulso numa proposta de levar aos alunos a ideia de que é possível a criação de levadas para uma música, independentemente de sua levada original, que pode ser, por exemplo, de difícil execução, e, dependendo do nível técnico em que se encontram, talvez não consigam copiar. Essa noção de pulsação possibilitaria que se faça música mesmo que não seja possível a imitação que é característica quando nos dispomos a copiar uma levada, a partir do entendimento da existência de um pulso que norteia os ritmos que serão executados.

Em um outro momento as alunas são convidadas a sentarem ao instrumento e executarem alguma canção a sua escolha que foi buscada em um celular através da internet, reproduzida e amplificada através do sistema de sonorização do teatro onde aconteceu o *workshop*. Foi um momento em que, apesar de um certo constrangimento inicial, se revelou de muita descontração entre as alunas. Algumas já tocavam os arranjos das músicas que escolheram, outras estavam sentando pela primeira vez ao instrumento e buscavam construir alguma coisa que pudesse ser tocada junto com a música.

Foi um momento de bastante interação entre as participantes, todas aplaudidas ao final de suas execuções num clima que denotava muita satisfação em poder estar ali, se realizando ao instrumento. Se instaurou de fato um clima em que se percebia confiança e suporte umas às outras, que eu descreveria com uma sensação de irmandade citada pela Maria Fernanda em seu depoimento.

Os *workshops* dedicados ao público estritamente feminino cumprem sua função de aproximar esse público da bateria. Diante de um quadro social que sempre desmotivou mulheres a se dedicarem ao instrumento, os *workshops* se realizam num clima de muita leveza e de valorização do feminino, abrindo as portas para possíveis novas bateristas através do exemplo de mulheres que buscaram se expressar através desse instrumento, sem em nenhum momento precisar rechaçar ou diminuir as conquistas masculinas, mas sempre apontando para mostrar que a bateria nos pertence a todos, homens e mulheres, e temos nós mulheres que trazer nossa contribuição através da nossa música, feita nesse

instrumento. Sua importância reside em tirar o estigma de que a bateria não é um instrumento adequado, de que não somos adequadas por querer tocar bateria e por ampliar os horizontes para aquelas que em algum momento se identificaram e podem ali explorar essa relação, sem compromisso, ou se comprometendo consigo a estudá-lo, ou pelo simples fato de ser ali um lugar possível de conhecer e experimentar.

Para as alunas participantes, o fato de serem mulheres professoras representa o diferencial e a razão pela qual elas se motivaram a ir a essas aulas. Como citou a coordenadora do projeto, 90% das participantes não iriam caso as aulas fossem ministradas por homens. Verifiquei também que faz toda a diferença serem turmas de mulheres porque antecipadamente elas acreditam que vai ser gerado um ambiente em que estarão totalmente à vontade, haja vista a quantidade de inscrições por edição, e o depoimento das entrevistadas comprova esse fato.

A turma de crianças que surgiu no projeto *Hi Hat* a partir da demanda das próprias crianças em frequentarem aulas de bateria, e onde meninos e meninas exploram o instrumento, já crescendo sem construir uma ideia que se baseia em fazer distinção entre quem pode tocar esse ou aquele instrumento, por causa do gênero, é uma das melhores formas de construir uma outra realidade. É importante levar aos alunos imagens, gravações, produções de artistas de ambos os sexos.

É fato que a escola ainda hoje reafirma esses padrões de gênero em mensagens muitas vezes não tão sutis, nas construções que cada um de nós fez ao longo da vida, afinal somos todos parte dessa sociedade e muitas vezes reproduzimos esses padrões.

Lucy Green nos chama atenção para as diferenças de oportunidade ainda oferecidas às rapazes e moças, aos papéis que ainda são designados a cada grupo e reforçados pela escola. Mulheres sensíveis, homens fortes, mulheres comportadas, homens questionadores (GREEN, 2017, p. 60).

De qualquer forma, é importante percebermos que a escola, como um órgão vivo da sociedade, está suscetível a fazer os dois caminhos. Tanto pode perpetuar um modelo do *status quo*, como pode se aproximar dos questionamentos e mudanças a cada época, e ser agente de transformação.

Ainda refletindo sobre como ações como a do *workshop* podem diminuir esse afastamento reflexo de um comportamento fixado por nossa sociedade, vale a citar o

trabalho de Luis Ricardo Queiroz ao observar que a formação em música é marcada por determinismos sociais, construídos ao longo dos anos, por várias gerações e também por transformações que emergem a partir de questões, problemas e necessidades da sociedade em sua caminhada. É, portanto, um fenômeno fundamentalmente cultural. E ao se tratar como parte da cultura é importante que a prática da educação musical dialogue com as questões que permeiam a sociedade, seus problemas, tendências e necessidades do mundo atual (QUEIROZ, 2017, p.163). Dentre essas dificuldades eu especificaria as distinções baseadas em gênero e por isso acho totalmente pertinentes ações educativas como os *workshops* para mulheres da *Hi Hat Girls Magazine*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as conquistas acentuadas no século XX num momento de busca de maior conscientização sobre valores de igualdade entre os gêneros, especialmente através do feminismo e suas discussões, vieram a reaproximar gradualmente as mulheres dos lugares de protagonistas nas diversas áreas de atuação, conseqüentemente na música.

Ao romper-se com o estigma de que possam existir instrumentos para homens e outros para mulheres se assegura a possibilidade de expressão do ser humano em qualquer área de seu interesse, sem as barreiras impostas por uma sociedade que valoriza conquistas masculinas e reserva para os homens os principais postos, assegurando-se de manter o papel secundário das mulheres, numa perpetuação de papéis ditados nessa ditadura do gênero, e que privilegia o gênero masculino.

Essa divisão na nossa sociedade patriarcal gerou e perpetua um esquema de fragilização do papel das mulheres e de sua capacidade exercer funções em áreas que ficaram reservadas aos homens. A educação é certamente uma forma de romper com esse esquema ao poder investir em proporcionar uma visão de igualdade entre os gêneros.

Mas, como um processo que só se concretiza com uma mudança profunda na sociedade, as conquistas são pequenas e graduais porque há muito a ser transformado nos vários níveis de organização da sociedade, seja nas famílias, escolas, em empresas, e são sentidas aos poucos, e da mesma forma por muitas vezes ainda esbarramos com demonstrações de atraso em relação a se conquistar uma sociedade mais igualitária, em que tudo seja permitido a todos, sem distinção.

Além dos *workshops* ocorrem aulas regulares de bateria, aulas particulares, e aulas em grupo para crianças, de ambos os sexos. Num ambiente de aprendizado democrático, frequentado por meninos e meninas é possível mostrar que qualidades e dificuldades são encontradas por qualquer pessoa, independente do sexo e da idade, e na própria dinâmica das aulas as crianças constroem uma informação de igualdade de possibilidades entre os sexos. Música, bateria ou qualquer instrumento são possíveis para qualquer um que queira aprender.

Segundo a já citada Performatividade de Gênero, as determinações de gênero na

nossa sociedade são fixadas a partir da repetição de padrões que ao serem constantemente reativados, repetidos, *performados*, acabam por cristalizar formas que passam a ditar os caminhos permitidos a cada gênero. O resultado disso são as divisões que ocorrem e passam a definir o que seriam as coisas de meninos e as coisas de meninas (BUTLER, 2003).

E para uma mulher se tornar instrumentista há alguns obstáculos a ultrapassar. O próprio fato de se reconhecer o valor da produção musical das mulheres a partir da comparação com a de um homem é sinal que ainda há muito com que romper. Tocar bem ser sinônimo de tocar como homem ainda é uma forte referência quando se tenta fazer um elogio ao desempenho de uma instrumentista. Mas colocar o homem como um teto a ser alcançado no que tange ao desempenho limita o saber da mulher ao saber do homem, e não considera que o que ela realiza pode ser melhor do que o que foi feito por um homem até então.

A escolha do instrumento é um espaço de identificação e realização pessoal e o melhor é que cada um possa exercer sua musicalidade em seu instrumento de interesse. Cabe aos professores estarem atentos para valorizar as posições de dos alunos e garantirmos o direito de escolherem a melhor forma de se colocarem nesse mundo.

## REFERENCIAS

BARRADAS, F. *Relações de Gênero na MPB (Música Popular Brasileira)*. Akrópolis Umuarama, v. 16, n. 4, p. 227-235, out. /dez. 2008.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*; Tradução: Renato Aguiar. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELLA GIUSTINA, Caio Pinheiro. *Música e gênero: a divisão sexual dos instrumentos musicais no contexto da Escola de Música de Brasília*. 2017. 126 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) —Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

DUARTE, Viviane. A primeira baterista do Brasil. Lilian Carmona, símbolo de força e criatividade. *Revista online Plano Feminino*, 2012.

FONTOURA, Pamela Camila da Silva. *Práticas em Música e empoderamento feminino: a oficina interdisciplinar de História e Música como fonte para a pesquisa histórica*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Historia). Instituto de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GREEN, Lucy. Identidade de gênero, experiência musical e escolaridade. *Revista 2000*, no 2, CIPEM, 2017.

GALVÃO, Christiano Lima. *Adaptação, interpretação e desenvolvimento do Baião na bateria no âmbito da música instrumental brasileira: reflexões sobre processos de aprendizagem*. 2015. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

GOMES, R. C. S; MELLO, M. I. C. *Relações de gênero e a música popular brasileira: um estudo sobre bandas femininas*. In: XVII CONGRESSO DA ANPPOM, 2007, Santa Catarina. Anais eletrônicos... Santa Catarina: UNESP: 2007

MELLO, Maria Ignez Cruz. *Relações de gênero e musicologia: reflexões para uma análise do contexto brasileiro*. Revista eletrônica de musicologia, Vol. XI, 2007.

QUEIROZ, LUIS RICARDO SILVA. *Educação musical como cultura: nuances para interpretar e (re) pensar a práxis educativo-musical no século XXI* DEBATES | UNIRIO, n. 18, p.163-191, maio, 2017.

WELLER, Wivian. *A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1):216, jan-abr, 2005, p. 107-126.

#### FONTES CITADAS

a) Entrevistas realizadas pelo pesquisador:

SOUSA, Julie. Entrevista Realizada no Parque das Ruínas. Rio de Janeiro, 2017. Arquivo digital (35min).

TSAI, Cynthia. Julie. Entrevista Realizada no Parque das Ruínas. Rio de Janeiro, 2017. Arquivo digital (23min)

DE LA VEJA, Alessandra. Julie. Entrevista Realizada no Parque das Ruínas. Rio de Janeiro, 2017. Arquivo digital (12min).

RODRIGUES, Emília B. Julie. Entrevista Realizada no Parque das Ruínas. Rio de Janeiro, 2017. Arquivo digital (17min).

GUTERRES, Ceumar. Julie. Entrevista Realizada no Parque das Ruínas. Rio de Janeiro, 2017. Arquivo digital (8 min).

b) Correspondência

WhatsApp: REINHER, Nathalia. [Mensagem pessoal]. Recebida em 13/12/2017.